

“A epidemia como fato social”, de Evan Stark

“*The epidemic as a social event*”, de Evan Stark

“*La epidemia como hecho social*”, de Evan Stark

Luiz Ricardo Schiavinato Valente

PPGEO-UERJ

Rio de Janeiro, RJ - Brasil

luiz.s.valente@hotmail.com

Evan Stark é um sociólogo, assistente social e pesquisador estadunidense premiado e com reputação e reconhecimento internacional por seu trabalho inovador nas dimensões jurídica, política e de saúde da violência interpessoal, incluindo seus efeitos sobre as crianças. Seu premiado livro "*Coercive Control: The Entrapment of Women in Personal Life*" publicado pela editora Oxford, foi considerado o livro de destaque nas ciências sociais pela *Association of American Publishers* em 2007 e influenciou o Reino Unido e outros países da Europa a expandir suas definições de violência doméstica para incluir o controle coercitivo.

No ano de 1977, pouco antes de atuar como pesquisador associado do Centro de Saúde e Estudos Sociais e Políticas da Universidade de Yale, Stark publicou no *International Journal of Health Services* um artigo intitulado, em tradução livre para o português, "A Epidemia Como Fato Social". No trabalho, o sociólogo investiga e discute as doenças como fatos socialmente construídos que ocorrem tendo as condições e relações sociais como causas determinantes. Apesar do texto já possuir mais de 30 anos, aborda um tema atual com questões contemporâneas presentes na organização da sociedade nos moldes atuais, emergindo discussões que há muito já são tratadas por estudiosos de diversas áreas do conhecimento no mundo todo.

O significado de "epidemia" reproduzido por alguns dicionários como "aumento súbito do número de casos de qualquer doença ou de qualquer fenômeno anômalo e negativo" (HOUAISS, 2004) se aproxima com o que significa o termo para os epidemiologistas "um súbito pico na mortalidade secundariamente relacionado a uma doença mais geral ou a processos sociais" (STARK, 1977, p. 695). Dessa forma, Stark revisita as epidemias ocorridas ao longo da história e que acometeram grande parte da população para procurar associações que demonstrem que estas ocorreram quando empresas ou nações tentavam resolver seus problemas econômicos a partir de uma lógica capitalista, desenvolvendo grandes desigualdades entre as necessidades sociais de uma força de trabalho em expansão e os bens e serviços disponíveis naquele momento.

Stark chama a atenção para o fato de que os principais determinantes para a morte e doença da população do ocidente mudaram gradativamente ao longo do tempo. Das infecções e doenças

transmissíveis, disseminadas desde a idade média por más condições de higiene, má nutrição ou superpopulação, para uma cadeia de fatores sociais complexos ligados principalmente a desigualdades de acesso e vulnerabilidades sociais.

A doença também foi importada para as Américas durante as grandes navegações no século XV e XVI, onde europeus traziam vírus e bactérias exóticas para a natureza daquele território que chamavam de “Novo Mundo”. A população indígena que ali habitava, livre dos anticorpos acumulados pela exposição posterior às doenças, acabavam morrendo aos milhares por doenças consideradas simples pela medicina atualmente, como uma gripe comum, sarampo e catapora, como nos conta o etnologista Darcy Ribeiro (RIBEIRO, 1996). Alguns estudiosos, entre eles o historiador brasileiro Warren DEAN (1996), consideram a epidemia de novas doenças nas Américas como ferramenta de dominação social dos grupos indígenas por parte dos colonizadores europeus.

Para além disso, nesse mesmo período, as doenças, catástrofes e mortes eram vistas por uma ótica teocentrista, como destino fadado ou castigo para aquele que era acometido e, por isso, surtos e doenças traziam terror para cidades inteiras.

Dessa maneira, o infortúnio da doença, da morte e das catástrofes não seguia linha social e o risco de ser acometido por alguma dessas enfermidades possuía pouca dependência com a situação econômica de grupos. Stark também destaca que os filósofos médicos nos anos de 1700 apontavam catástrofes naturais para explicar a clara injustiça das epidemias que atacavam os ricos assim como os pobres (STARK, 1977, 690 pp.).

A primeira revolução industrial realizada sob o novo objetivo de dominação do homem sobre a natureza trouxe mazelas e cura ao mesmo tempo. Os avanços tecnológicos proporcionados pela revolução industrial contribuíram com a criação de remédios e vacinas erradicando algumas doenças, além de aumentar a expectativa de vida da população por conta da melhoria e das pesquisas na medicina e na farmacologia.

Em contraponto, as novas formas de produção e de exploração de pessoas e recursos naturais trouxeram impactos sociais relacionados ao trabalho e impactos ambientais relacionados ao aumento da poluição do ar e das águas, erosão de solos e desmatamento. As relações sociais acaloradas pelo novo modo de vida nas cidades industriais emergiram em conjunto com a lógica exploratória capitalista e a degradação do ambiente contribuiu para o aumento de chuvas ácidas e problemas respiratórios na população.

Stark utiliza Marx, em *O Capital*, para lembrar que a ganância do capitalista pelo lucro o levou a aumentar as horas de trabalho dos operários. A partir disso a saúde deles se deteriora e a luta de classe se intensifica. Ele continua dizendo que as epidemias muitas vezes começaram da mesma forma que as rebeliões e lutas de classe, onde as condições de vida e trabalho nas cidades, fábricas

ou bairros pobres foram colocadas abaixo dos padrões negociados em lutas anteriores (STARK, 1977, 692 pp.).

Nessa perspectiva, Stark apresenta a ideia de causação socialmente construída e determinada. Dentre os determinantes ligados aos fatores sociais estão os acidentes, desastres e as principais doenças crônicas: câncer e doenças cardíacas como o infarto, além de situações extremas causadas pelo estresse. A lógica de valorização do solo urbano com infraestrutura adequada por meio da especulação imobiliária força populações mais pobres a habitar áreas impróprias para ocupação e sem infraestrutura adequada. Sem saneamento básico e sem abastecimento de água, essa população fica vulnerável a doenças como tuberculose e leptospirose e a desastres relacionados a processos erosivos que atuam no terreno e que podem causar mortes e prejuízos financeiros.

Em "A Epidemia Como Fato Social" Stark utiliza uma epidemia de febre amarela ocorrida em Nova Orleans, nos Estados Unidos, em 1853, como exemplo para a dinâmica da política interna associada com o processo de doença. Ele divide a epidemia em seis estágios:

No estágio I há a irrupção da epidemia, mudando gradualmente toda a dinâmica social e econômica de uma localidade por conta da nova realidade vigente.

O estágio II é chamado pelo autor de "Tendência de Queda e Êxodo", onde os negócios são efetivamente afetados e muitos fechados pela crise econômica causada pela epidemia e trabalhadores sem trabalho tendem a migrar.

"O Colapso da Autoridade e o Desafio que Vinha de Baixo" é o nome dado ao estágio III, em que a autoridade local começa a perder força e poder quando seus próprios funcionários são acometidos pela doença ou, utilizando de seus privilégios de classe média, se negam a se expor ao risco de trabalhar neste período.

O estágio IV descreve "O Surgimento da Comunidade". O autor conta que os "sobreviventes" da epidemia começam a se juntar em grupos que são unidos por alguma característica ou gosto em comum como forma de manter a ordem. A partir daí, questões filosóficas emergem e se juntam ao êxtase a que essa população está submetida nesse momento.

Stark chega ao estágio V com "A Declaração da Epidemia" onde, sem conseguir mascarar a situação vigente, as autoridades são obrigadas a assumir um certo fracasso no que se refere ao controle da doença e ao mesmo tempo precisam reivindicar que uma maior parte do excedente financeiro seja investido em serviços sociais. Nesse momento, as classes alta e média enviam doações para os mais pobres e as políticas sociais públicas de emergência aparecem com mais força.

Por fim, Stark apresenta o estágio VI: "A Reconstituição da Autoridade". Nesse estágio a classe hegemônica no poder utiliza-se da situação gerada pela epidemia para aumentar tipos de repressão e aprovar demandas e reformas que os favoreçam de alguma forma.

Evan Stark apresenta no seu texto diversos exemplos dos estágios a partir de fatos ocorridos nos últimos séculos em uma série de países.

Em meio à situação provocada pela pandemia do novo coronavírus, pode-se associar muito o texto de 1977 aos fatos ocorridos até então no ano de 2020 no Brasil. Apesar da doença causada pela contaminação da Covid-19 se assemelhar com um caráter democrático, os riscos, os impactos e as mortes causadas durante a pandemia do novo coronavírus não são homogêneas. Na verdade são socialmente construídas e influenciadas.

Assim como a palavra "pandemia" se assemelha na grafia com "epidemia", elas também se aproximam na semântica. De acordo com o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2004), "pandemia" é o "surto de uma doença com distribuição geográfica internacional muito alargada e simultânea".

Numa realidade brasileira onde o acesso a serviços, educação, saúde e habitação são amplamente desiguais entre a população por motivos historicamente construídos, os riscos, o impacto e as consequências econômicas geradas pela crise da covid-19 também parece refletir com mais intensidade na população mais vulnerável. Bem como coloca a geógrafa francesa Yvette Veyret (2007), os riscos são fruto de uma construção social.

Num contexto de pandemia onde os meios de prevenção são iguais para toda a população, emergem as desigualdades sociais, os riscos e as vulnerabilidades de cada grupo. Essa situação é explícita na primeira morte causada pelo novo coronavírus no estado do Rio de Janeiro, por exemplo. Uma empregada doméstica que prestava serviços em um dos bairros mais caros do Brasil para uma mulher que, recém chegada da Itália, contaminou sua funcionária. A trabalhadora doméstica morre uma semana depois, a patroa não (REVISTA EXAME, 2020). Essa simples comparação pode ignorar possíveis diferenças na saúde e nos hábitos individuais das mulheres, mas ilustra que as diferenças também são causadas pelos fatores sociais que Stark nos apresenta em seu texto.

O mesmo parece acontecer com o atual surto de febre amarela que ocorre no Brasil. Apesar de não haver dados oficiais que associem a situação socioeconômica com os atingidos por febre amarela no país, Paulo Buss, sanitarista e diretor do Centro de Relações Internacionais da Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ) afirma que a grande maioria das vítimas é de agricultores pobres (BBB BRASIL, 2018). O acesso à saúde no meio rural, trabalhos extrativistas de baixa remuneração, local de moradia e a forma de ocupação são fatores que podem explicar a maior vulnerabilidade dessa população à febre amarela no Brasil.

Menos discutido no texto estadunidense do final dos anos 1970 de STARK - porém de grande relevância nos estudos brasileiros -, é a questão racial como fator para a desigualdade e para causas de adoecimento e morte. O Brasil possui a maior concentração de população negra fora da África (SILVA, 2000) e estudos mais recentes, como em Goodman (2000) e Chor e Lima (2005), associam cada vez mais as diferentes vulnerabilidades dos grupos étnicos, tendo o fator da cor como determinante para definir as desigualdades e o maior índice de adoecimento e morte. Essa premissa pode ser aplicada no Brasil baseando-se em indicadores sociais que demonstram que a população negra apresenta pior nível em educação, renda, habitação, saúde, maior adoecimento e maior mortalidade, além de residir em áreas desprovidas de infraestrutura básica, e com pior acesso aos serviços de saúde pública (IPEA, 2002).

Os indicadores sociais disponibilizados pelo Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas apresentam um retrato da desigualdade socialmente e historicamente construída no Brasil e se associam com o texto de Evan Stark. A lógica aplicada na formação das cidades, o racismo estrutural, a histórica acumulação do capital e tantos outros fatores fizeram com que grande parte da população vivesse à margem do que era oferecido para uma minoria hegemônica e detentora do capital no Brasil. O amplo acesso e os privilégios de uma minoria são apoiados na privação e nos riscos que uma maioria composta, principalmente, pela classe trabalhadora, está exposta. É nesse sentido que o sociólogo alemão Ulrich Beck (1986) diz que a produção social da riqueza é acompanhada pela produção social dos riscos.

A discussão atemporal tratada no texto por Stark chama atenção para a importância das discussões e questionamentos críticos no campo social e por fim, o autor conclui que a doença é implantada pelo capitalismo, e uma vez que ela é um processo social, também gera políticas, economia e pensamento. A saúde é vista pelo autor como uma demanda social mais ampla e com muitos determinantes, tentando afastar o pensamento capitalista mercadológico vigente.

"No movimento de emancipar o Homem da determinação natural, o capital e o trabalho socializaram a si mesmos e também a biologia. Mas ao fazer isto, prepararam sem o saber o caminho para a unificação da Biologia e da Razão, da Saúde e da Liberdade." (STARK, 1977, 704 pp.)

REFERÊNCIAS

BBC BRASIL. **Da contaminação ao tratamento, o papel da desigualdade no atual surto de febre amarela no país.** Por Mariana Alvim. São Paulo: BBC Brasil, 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/amp/brasil-43720715> Último acesso em 01/08/2020.

BECK, Ulrich. **Sociedade de risco: rumo a uma nova modernidade.** São Paulo: Ed. 34., 1986. 23-60p.

CHOR, Dora; LIMA, Claudia Rizzo de Araujo. Aspectos epidemiológicos das desigualdades raciais em saúde no Brasil. **Cad. Saúde Pública**, v.21, n.5, p.1586-94, 2005.

- HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**: verbete pandemia. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.
- DEAN, Warren. **A ferro e fogo**: A história e a devastação da mata atlântica brasileira. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- GOODMAN, Alan H. Why genes don't count (for racial differences in health). **Am. J. Public Health**, v.90, p.1699-702, 2000.
- INSTITUTO DE PESQUISAS ECONÔMICAS APLICADAS - IPEA. **Desigualdades raciais no Brasil**: um balanço de intervenção governamental. Brasília: IPEA, 2002.
- REVISTA EXAME. **1ª vítima do coronavírus no Rio era doméstica e foi contaminada no Leblon**. Por Mariana Simões. Rio de Janeiro: Agência Pública, 2020. Disponível em: <https://exame.com/brasil/1a-vitima-do-coronavirus-no-rio-era-domestica-e-foi-contaminada-no-leblon/> Último acesso em 20/06/2020.
- RIBEIRO, Darcy. Os índios e a civilização. **A integração das populações indígenas no Brasil moderno**. São Paulo: Cia das Letras, 1996.
- SILVA, Nelson do Valle. Cor e mobilidade ocupacional. In: SILVA, N.V.; PASTORE, J. (Orgs.). **Mobilidade social no Brasil**. São Paulo: Makron Books, 2000. p.85-98.
- STARK, Evan. The epidemic as a social event. **International Journal of Health Services**. 7(4). Baywood Publishing Co, 1977. 681-705pp.
- VEYRET, Yvette. **Os riscos**: o homem como agressor e vítima do meio ambiente. São Paulo: Contexto, 2007. 11-79p.